



Revista Brasileira

FASE VII 🌿 OUTUBRO-NOVEMBRO-DEZEMBRO 2001 🌿 ANO VIII 🌿 Nº 29

Esta a glória que fica, eleva, honra e consola.

MACHADO DE ASSIS

ACADEMIA BRASILEIRA
DE LETRAS 2001

DIRETORIA:

Tarcísio Padilha – *presidente*
Alberto da Costa e Silva – *secretário-geral*
Lygia Fagundes Telles – *primeira-secretária*
Carlos Heitor Cony – *segundo-secretário*
Ivan Junqueira – *tesoureiro*

MEMBROS EFETIVOS:

Affonso Arinos de Mello Franco,
Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio
Filho, Antonio Olinto, Ariano Suassuna,
Arnaldo Niskier, Candido Mendes de
Almeida, Carlos Heitor Cony,
Carlos Nejar, Celso Furtado,
Eduardo Portella, Evandro Lins e Silva,
Evanildo Cavalcante Bechara,
Evaristo de Moraes Filho,
Pe. Fernando Bastos de Ávila, Geraldo
França de Lima, Ivan Junqueira,
Ivo Pitanguy, João de Scantimburgo,
João Ubaldino Ribeiro, José Sarney, Josué
Montello, Lêdo Ivo, Dom Lucas Moreira
Neves, Lygia Fagundes Telles, Marcos
Almir Madeira, Marcos Vinícios Vilaça,
Miguel Reale, Murilo Melo Filho, Nélida
Piñon, Oscar Dias Corrêa, Rachel de
Queiroz, Raymundo Faoro,
Roberto Marinho, Sábato Magaldi,
Sergio Corrêa da Costa,
Sergio Paulo Rouanet, Tarcísio Padilha.

REVISTA BRASILEIRA

DIRETOR:

João de Scantimburgo

CONSELHO EDITORIAL:

Miguel Reale, Carlos Nejar,
Arnaldo Niskier, Oscar Dias Corrêa

PRODUÇÃO EDITORIAL E REVISÃO

Nair Dametto

PROJETO GRÁFICO

Victor Burton

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Estúdio Castellani

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS
Av. Presidente Wilson, 203 – 4º andar
Rio de Janeiro – RJ – CEP 20030-021
Telefones: Geral: (0xx21) 2524-8230
Fax: (0xx21) 220.6695
E-mail: abl2@montreal.com.br
site: <http://www.academia.org.br>

As colaborações são solicitadas.

Sumário

Celebração – Centenário de Murilo Mendes

EDITORIAL	5
JOSUÉ MONTELLO Pretexto para louvar Murilo Mendes	7
MASSAUD MOISÉS Compreensão de Murilo Mendes	13
FÁBIO LUCAS O polímorfo Murilo Mendes	23
Poesia e prosa de Murilo Mendes: Exemplos . 37	
NELSON SALDANHA Em torno de um poema de Murilo Mendes	49

Prosa

MIGUEL REALE Diretrizes do culturalismo	55
ARNALDO NISKIER O santo D. Eugênio.	65
JOÃO DE SCANTIMBURGO Eça de Queirós e Eduardo Prado. . 73	
CARLOS HEITOR CONY João Guimarães Rosa	95
MURILO MELO FILHO José Lins do Rego: cem anos	103
CARLOS A. LEITE Dom Pedro II e o médico sem diploma III	
MILTON VARGAS Pessoa: Personagens e poesia	117
CÉSAR LEAL Os viventes.	149
JOSÉ GUILHERME MERQUIOR Nosso Dickens	161

Poesia

MURILO MENDES Poemas	167
--------------------------------	-----

Guardados da memória

AFONSO ARINOS, FILHO Magalhães de Azeredo e Afonso Arinos.	245
MAGALHÃES DE AZEREDO Cartas a Afonso Arinos de Melo Franco.	247
AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO Lembrança do Amigo Ausente	271
Textos esparsos	303



Centenário de Murilo Mendes

Não há neste mundo em movimento – de gerações que passam, porque tudo passa, como disse em famoso sermão o padre Vieira, de camadas inteiras da sociedade substituídas por outras – nada que seja guardado se não houver quem cuide da memória. Há poucos dias foi lançada com estardalhaço uma publicação dos cem maiores poetas do século XX. Uma composição de injustiças, pois faltaram entre os cem – muitos deles rotundas mediocridades – Guilherme de Almeida, o maior artífice do verso em língua portuguesa; Cassiano Ricardo, o poeta de *Martim Cererê*, Menotti del Picchia, o Menotti de *Juca Mulato*, *Máscaras* e outros poemas antológicos. Mas somente por obrigação, nas faculdades, são lembrados os cem poetas, e alguns do mais alto mérito literário, e nomes de autores de obras que merecem a perenidade das bibliotecas. No mais, as gerações ainda moças e as adolescentes, essas não querem saber de poetas, prosadores, ensaístas, historiadores.

Estamos na era eletrônica e para os jovens da geração que frequenta as universidades e ocuparão cargos de importância e direção

no futuro do país, não lhes interessa quem compôs um poema, quem escreveu uma página, quem nos deixou um ensaio, todos com lugar reservado na história da literatura. Hoje vale a Internet, não a página impressa. Pela Internet, o jovem tem o mundo em casa, mediante os movimentos de uma peça do computador. A página impressa dá-lhe trabalho de ler e, não raro, de procurar saber de quem se trata.

Somos, a geração da pena ou da máquina de escrever ou, mesmo, de um pouco de computador, os grandes esquecidos. Mário de Andrade ainda é lembrado, pelo culto que lhe votam seus admiradores, alguns que não o conheceram pessoalmente. É uma exceção. Mas Guilherme de Almeida, autor de poemas que espelham a beleza da língua, quem dele se lembrará, senão alguns admiradores de sua memória? Vivemos, por isso, entre mortos, não entre vivos. Essa a realidade do mundo moderno. Faziam-se, no passado, romarias a túmulos de artistas da palavra ou das tintas, ou do mármore. Hoje ninguém deles quer saber. Esse é o mundo não dos vivos, mas dos mortos, entre os quais vamos caminhando, também, para lembrar-nos de quem o encheu de beleza ou quem, pelo pensamento, enriqueceu a cultura brasileira, escritores que deram sua contribuição à língua portuguesa, mostrando-lhe a beleza, na qual versos como os de Camões e prosa como a de Machado de Assis são riquezas perpétuas da arte e da ciência.

Dedicamos parte deste número da *Revista Brasileira* a Murilo Mendes, grande poeta moderno, cuja poesia está sepultada em livros que somente alguns abrem, por curiosidade ou por obrigação de aula. Murilo Mendes foi um grande poeta. Leiam-no nesta edição, que ficarão encantados e nos justificarão de o termos escolhido para comemorar o seu centenário de nascimento, neste ano de graça de 2001, ele que é do primeiro ano do século passado. De Murilo dirão os colaboradores. Registramos a justificativa de sua escolha para o número presente da *Revista Brasileira*. Cumprimos um dever. Não podíamos deixar de fazê-lo.

Pretexto para louvar Murilo Mendes

JOSUÉ MONTELLO

Minha boa amiga Luciana Stegagno Picchio andou pelo Brasil. Recebeu aqui as homenagens merecidas, por parte de universidades e de escritores, e voltou a Roma.

O que ela tem feito, no vasto campo das letras, em livros, em aulas, em conferências, em congressos, chega a ser realmente comovedor. E, como a sua palavra realmente influi na decisão dos editores, é ela, hoje, a voz persuasiva, junto a esses editores, na obra benemérita da tradução de poetas e romancistas brasileiros, com os quais comparte a sua admiração.

Tivemos aqui uma boa e afetuosa conversa, à base do cafezinho brasileiro, e é por isso que tenho, hoje, este pretexto para aplaudir uma de suas iniciativas beneméritas e que se reveste de expressiva singularidade.

Desta vez não se trata de uma obra de poeta ou romancista brasileiro, divulgada por Luciana em seu país. Mas sim de um poeta brasileiro editado no Brasil. Refiro-me aos poemas de Murilo Mendes,

Artigo escrito a propósito da publicação de *Poemas 1925-1929 e Bumba-meu-poeta 1930-1931 / Murilo Mendes*, organização, introdução, variantes e biobibliografia por Luciana Stegagno Picchio. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990.

com variantes e bibliografia respectiva, coordenados e prefaciados pelo rigor, a competência e o bom gosto de quem sabe ser, além de grande amiga do poeta, uma das vozes abalizadas no reconhecimento póstumo de seus altos méritos.

De mim para mim, tenho a impressão de que Murilo Mendes, se não tivesse nascido em Minas Gerais, para ser essencialmente mineiro, teria acabado por se fazer italiano, quer pelo gosto de morar em Roma, quer pela identificação profunda com a poesia e a arte da Itália.

É possível também que a mulher do poeta, Maria da Saudade, portuguesa irreduzível, tenha atuado no grande Murilo para preservar-lhe, com a sua autenticidade lisboeta, a porção dessa mesma autenticidade, na sensibilidade do mestre da *Poesia em pânico*, como genuinidade brasileira.

De qualquer modo, o certo é que Murilo, enraizando-se em Roma, sem jeito de retornar a Juiz de Fora, continuou autenticamente mineiro, como se do Brasil não houvesse saído.

E é sobretudo um florilégio de sua genuinidade brasileira que a admirável Luciana coordenou no volume que a Nova Fronteira publicou ano passado e que a boa amiga veio trazer-me um destes dias, para nele deixar, com o meu nome, o seu carinho ítalo-brasileiro.

Diz ela, abrindo o seu prefácio: “Este pequeno volume de poemas, que inicia uma série dedicada à obra de Murilo Mendes, quer, antes de mais nada, ajudar a restituir ao Brasil um dos seus mais altos poetas da modernidade.”

Murilo é, na verdade, um de nossos poetas essenciais. Chamo assim àqueles que não se limitam a ser poetas, mas a ser poetas genuinamente brasileiros, ajustados ao nosso modo de ser, mesmo quando parecem voltar contra as nossas características ou os nossos excessos a represália risonha de seu verso.

Disto é exemplo, na poesia de Murilo Mendes, a sua “Canção do exílio”, toda ela lírica e irônica, constituindo, do ponto de vista te-

mático, uma paródia da famosa “Canção do exílio” de Gonçalves Dias, a que o mestre mineiro associou o seu modo pessoal de sorrir do Brasil:

*Minha terra tem macieiras da Califórnia
onde cantam gaturamos de Veneza.
Os poetas da minha terra
são pretos que vivem em torres de ametista,
os sargentos do exército são monistas, cubistas,
os filósofos são polacos vendendo a prestações.
A gente não pode dormir
com os oradores e os pernãlongos.
Os sururus em família têm por testemunha a Gioconda.*

O elemento lírico e o elemento crítico, de claro riso transparente, afloram ainda mais evidentes no fecho do poema:

*Eu morro sufocado
em terra estrangeira.
Nossas flores são mais bonitas
nossas frutas mais gostosas
mas custam cem mil-réis a dúzia.*

E por fim o suspiro do exilado:

*Ai quem me dera chupar uma carambola de verdade
e ouvir um sabiá com certidão de idade.*

Quando comparamos a “Canção do exílio” de Murilo Mendes com a “Nova canção do exílio” de Carlos Drummond de Andrade, prontamente reconhecemos que, neste, prevalece o elemento lírico,

com inconfundível tom nostálgico, enquanto naquele o elemento dominante é a mordacidade jovial, na espontaneidade do verso imprevisto.

Ao nos dar a mais nova edição dos dois primeiros livros de Murilo Mendes, compreendendo os poemas de 1925 a 1929, Luciana Stegagno Picchio houve por bem uni-los ao auto dramático, que faz seqüência natural a esse período, e isto nos permite acompanhar o itinerário do poeta, numa dimensão a mais de suas reações diante da vida.

Penso que esse auto, *Bumba-meu-poeta*, é o predecessor mais distante das memórias de Murilo, *A idade do serrote*, com que o mestre mineiro abre um novo espaço à prosa de língua portuguesa. O poder inventivo do memorialista invade a prosa tradicional. Veja-se, ao acaso, como exemplo, esta evocação de Abgail: “Abgail era um teatro aberto. Comunicável e comunicada, recebia todos os dias. Quando se instalaram os primeiros telefones da cidade, ela imediatamente requereu um para a casa paterna, estabelecendo logo ali uma ponte aérea de palavras.”

A poesia, assim, apodera-se da prosa de Murilo, e a recria esplendidamente, passando a constituir, essa prosa, uma das chaves do enigma criativo muriliano.

É ele quem reconhece: “Todas as contradições se resolvem no espírito do poeta. O poeta é ao mesmo tempo um ser simples e complicado, humilde e orgulhoso, casto e sensual, equilibrado e louco. O poeta não tem imaginação. É absolutamente realista.”

Daí as indagações como esta: “O primeiro e último leão de minha vida suscitou-me um problema importante, desenvolvido muito depois: saber se os seres mais inumanos terão uma ligação mesmo tênue com a ternura; não só o leão ou o tigre, mas ainda o carasco, o ditador, o alto executor dos campos de concentração, o artífice da bomba.”

Em vez de recolher em si o tumulto da vida, que se transferia para o poema irônico ou sentimental, Murilo ia naturalmente ao epicentro do tumulto, que seus sentidos captavam, e para o qual encontrava imediatamente o verso apropriado.

Hoje, que tanto se fala em modernidade, cumpre-nos dar-lhe como exemplo a poesia muriliana. A rigor, a ligação que se estabelece entre seu verso e o verso dos poetas que o precederam não nós é imediatamente perceptível, sem as indicações do próprio Murilo, ao falar-nos de Rimbaud, de Mário de Sá Carneiro, de Fernando Pessoa, seres de seu próprio mundo. Entretanto, acentuemos: a sua modernidade é invenção própria, com seu estranho poder de captar e exprimir o mundo, na aparência de seu registro jovial.

Um dos mais importantes estudos sobre a poesia de Murilo Mendes, em nossas letras, pode ser lido agora no volume *Crítica*, em que José Guilherme Merquior reuniu seus ensaios de literatura, no período de 1964 a 1969.

A conclusão desse ensaio vale como a síntese magistral do gênio poético de Murilo Mendes: um cristão ecumenicamente interrogador. Convém acrescentar: é esse o Murilo enquanto poeta. Porque há também aquele que afirma, na conclusão do poema:

*Um dia a morte devolverá meu corpo,
estes olhos verão a luz da perfeição
e não haverá mais tempo.*

Certo, ele se interroga: “Onde encontrar o Cristo?” E ele próprio responde: “Encontra-se muitas vezes o Cristo – assim me aconteceu – prefigurado nos traços espirituais de um amigo. Mas não nos basta: precisamos encontrar o Cristo Total.”

Para esse encontro definitivo, a reflexão não nos basta. Joaquim Nabuco encontrou, para mim, a explicação exata, quando reconhe-

ceu, numa de suas meditações conclusivas, que “a fé é um pássaro pousado no alto da ramagem e que só canta quando Deus escuta”.

A admirável Luciana, amiga de Murilo Mendes, veio ao Brasil, com a coletânea dos primeiros poemas do grande poeta, como se quisesse demonstrar que, também aqui, ela nos é necessária, com a sua competência e a sua comunhão literária.

Quando se despediu de mim, no Rio de Janeiro, ela me confessou:

– Fiquei muito contente com as belas rosas que aqui recebi de meu editor brasileiro.

E eu me senti tentado a acrescentar que ele as havia mandado em nome de todos nós, que lhe somos reconhecidos. Pondo a memória de Murilo Mendes em primeiro lugar.

Compreensão de Murilo Mendes

MASSAUD MOISÉS

Murilo Mendes pertence ao grupo de poetas considerados “difíceis”, pela densidade do pensamento, ou pela engenhosidade ou tensão da linguagem, a ser possível a separação entre as duas camadas do texto poético. De qualquer modo, não alcançou a popularidade de outros poetas do tempo, nem mesmo o entusiasmo crítico de que é merecedor, salvo num pequeno e selecionado círculo de leitores. E a razão talvez esteja no fato de a sua poesia, bem como a de outros contemporâneos, lidar ambigualmente com a emoção, sem a qual a poesia não desponta. É que a idéia de que o poema é uma “máquina de provocar emoções” não condizia com os tempos novos, em que o prosaísmo, na cola do verso livre difundido pelo Modernismo de 22, se tornara um ideal estético. É certo que muita poesia de superior qualidade nasceu desse empenho em acolher os temas do cotidiano, numa linguagem próxima da crônica ou do falar corrente; mas também é verdade que muita prosa de discutível qualidade se revestiu da aparência poética – a fragmentação do período

Professor titular
de Literatura
Brasileira na
Faculdade de
Filosofia,
Ciências e
Letras da USP.

numa série de membros à maneira de versos livres – para, como intuito saneador que se tornara a bandeira dos participantes da Semana de Arte Moderna, melhor aliciar os leitores. Pertencendo à segunda geração modernista, Murilo Mendes nem por isso ficou imune ao contágio desse versilibrismo cerebrino, mas soube a tempo encontrar a linguagem mais apropriada à expressão do seu conflito íntimo.

Razão assiste à crítica, por conseguinte, quando aponta o contraste como o eixo em torno do qual gravita a obra de Murilo Mendes. Com efeito, é preciso recorrer à noção de antinomia, paradoxo, polivalência e cognatos para compreendê-la e avaliá-la devidamente. Se fosse o caso de localizar a matriz da complexa malha de oposições que a estrutura, diríamos que reside no conflito, jamais resolvido e sempre renovado, entre forma e transparência, ou signo e significado, expresso no corpo dos poemas e no título de um deles.

Para bem caracterizar o vulto dessa “guerra sem testemunhas”, tomando a denominação de empréstimo a Osman Lins, é de bom aviso ter em mente o seu dinamismo: não se trata do corriqueiro ato de buscar a palavra capaz de revestir a idéia com exatidão, mas de uma tensão entre essência e forma que não cessa mesmo quando uma parece adaptar-se completamente à outra. Não é a simples procura do signo por parte de um conteúdo – admitida a hipótese de este existir em abstrato, à espera de um corpo para se encarnar –, nem é a potencialização aristotélica da idéia em ato, como no soneto camoniano (“Transformar-se o amador na cousa amada”), senão o renovar ininterrupto do mesmo anseio integrativo logo que se realiza. Malcomparando, assemelha-se às pulsões genesíacas que, ao atingir o auge, principiam novo périplo, após o quê recomeçam idêntica curva no tempo, numa cadeia sem fim.

Esse quadro, armado sobre o velho díptico “tema e variações”, já se desenha nas primeiras composições. Por meio delas, o leitor tem acesso às diretrizes fundamentais da poesia de Murilo Mendes, pre-

senciando, daí por diante, uma continuidade praticamente inalterada: as metamorfoses na dicção do poeta não constituem mudanças profundas de estruturas ou de visão da realidade; antes, pelo contrário, assinalam modificações de superfície, que não afetam a intimidade lírica e ideativa. Em suma, variações de forma, por vezes implicando outros focos de interesse, outras paisagens e assuntos, mas via de regra ao redor da mesma essência, ou a ela regressando tão logo cessa o efêmero atrativo das experiências e das novidades.

Assim o verso livre à 22, conduzindo ao “poema-piada”, em *História do Brasil* (publicado em 1932, mas significativamente excluído das obras reunidas do autor), ao narrativo, ao apoético, comanda as tentativas iniciais. Não é a ausência da linha melódica — já que esta havia sido recusada na modernidade —, é o serem frases enunciativas, desmetaforizadas, que acusa o prosaísmo dos versos inaugurais, de onde a poesia volta e meia desertou. É, acima de tudo, a carência de emoção: o poeta não oculta que trabalha com o intelecto, ou a repetir a emoção inerente à poesia, decerto norteados pelo preconceito moderno contra a melodia e a emoção. E tal rejeição acaba afetando a poesia.

Esse estado de coisas, que corre por conta de uma inadequação no plano da forma, acaba contagiando a essência, como se numa luta intestina lavrasse as duas dimensões do texto. O sensualismo é uma dessas áreas de conflito: sendo uma das características primaciais da poesia muriliana, faria supor que constituísse uma força eruptiva, transbordante de emoção lírica. Quando contém emoção, esta se exaure no limiar dos versos: não evoca, nem provoca, e sem evocação ou provocação, a poesia custa a ganhar corpo.

As outras duas vertentes — a religiosa e a surrealista, que juntas formam a base de sustentação da poesia de Murilo Mendes —, enfermam da mesma vulnerabilidade ao prosaísmo em moda com a Semana de Arte Moderna. Maduro no tocante às idéias, no terreno da

forma o poeta ainda luta contra a tendência à prolixidade, fruto da facilidade com que os versos lhe brotam da pena, uma prolixidade horizontal, conferida pela proliferação dos versos, e uma vertical, pelo desmedido alongamento: a concisão, que o poeta objetivava nessa fase, pressuporia menos volume de segmentos e menos vocábulos em cada um deles.

Numa palavra, não se havia encontrado ainda, ao menos como poeta, ou seja, na expressão literária do seu modo de ver o mundo. Além da exuberância verbal, ressentia-se de indeterminação, falta de solidez do discurso poético, ou disponibilidade que pode ser, a um só tempo, herança de 22 e resultante das oscilações próprias da idade.

A partir de *Tempo e eternidade* (1935), escrito de parceria com Jorge de Lima, a par da prevalência da religiosidade de acento metafísico:

Nasci no plano do eterno

Eu hei de me precipitar em Deus como um rio

Se minha alma sobrevoa a própria poesia?
Só quero repousar na imensidade de Deus.

Eu sou da raça do Eterno.¹

¹ Murilo Mendes, *Poesias*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1959, pp. 121, 123. Salvo indicação em contrário, as demais citações serão extraídas desta edição.

O poeta assume a sua opção essencialista (que lhe teria sido sugerida por Ismael Nery), guiado pela “idéia essencial de Deus” (“Poema passional”, de *A poesia em pânico*, 1938), agitado por uma “ânsia absoluta” (“Poema do ciúme”, *ibidem*), a “nostalgia do infinito” (“Enigma do amor”, *ibidem*), mas continua a render tributo à sensualidade e ao surrealismo, tudo compondo indestrinçável mescla.

É nessa fase que igualmente se define o sentido apocalíptico da sua cosmovisão, derivado dessas matrizes ideológicas. E, no mesmo

processo imaginativo, alcança o esperado equilíbrio dos opostos, como se pode ver neste simulacro de poema à antiga, amparado em metáforas de intensa vibração concreta (“A marcha da história”):

*Eu me encontrei no marco do horizonte
Onde as nuvens falam,
Onde os sonhos têm mãos e pés
E o mar é seduzido pelas sereias.*

*Eu me encontrei onde o real é fábula,
Onde o sol recebe a luz da lua,
Onde a música é pão de todo dia
E a criança aconselha-se com as flores,*

*Onde o homem e a mulher são um,
Onde espadas e granadas
Transformaram-se em charruas,
E onde se fundem verbo e ação.*

O seu surrealismo adquire o caráter que o distingue no panorama da poesia brasileira do tempo: abstrato, ocultista, onírico, metafísico, mítico, como se a transcendência teológica e a transcendência surrealista se conjugassem no infinito. Murilo Mendes atinge nesse momento o apogeu da sua capacidade inventiva: despojando-se dos excessos verbais, logra a integração da essência com a forma. Agora diz que vai para onde a Poesia o chama (“Novíssimo Orfeu”) e que respira Poesia (“Respirar”), a *Poesia Liberdade* (1947). É sobretudo nessa fase que a sua obra difere da que se praticava entre nós na década de 30, exibindo em qualquer frase ou imagem, embora ainda possa trair certo gosto pela expressão transbordante, o toque de uma forte e marcante personalidade poética.

Tal abundância escondia, afinal de contas, uma tendência subjacente ou incrustada na inflexão surrealista e religiosa: o barroquismo. Seu misticismo, permeado por uma visão mágica e sensual, distingue-se pelo viés barroco. Essência e forma barroca: visão apocalíptica, dualista, vazada no jogo dos contrários, nos vocábulos anti-téticos, compostos, etc. Em síntese, o emprego da dialética barroca para exprimir uma mundividência que é, substancialmente, barroca (“Aproximação do terror”, de *Poesia Liberdade*): “Não se trata de ser ou não ser, / Trata-se de ser e não ser.” Tanto assim que, a páginas tantas, compõe um “Poema barroco” e entra a experimentar a *agonia* dos místicos espanhóis, Santa Teresa de Jesus à frente (“Memória”, de *As metamorfoses*, 1944): “Morro de esperar a morte.”

Em *Contemplação de Ouro Preto* (1954), não obstante a atmosfera surrealista, o barroquismo domina amplamente. A escolha da velha cidade mineira como tema poderia correr por conta, é claro, da sua importância histórica e da sua luminosa beleza, mas no caso de Murilo Mendes parece indicar o encontro de uma pulsação anímica e estética. Falando de Alphonsus de Guimaraens, aponta a “correspondência intelectual / Entre formas e idéias, cor e som”, recorda que “O símbolo é barroco” e que o poeta de “Ismália” apurara “uma técnica ajustada / Ao tema do conflito permanente / Entre matéria e sonho”, – fala como se pintasse o auto-retrato. Nem falta um poema – “Luminárias de Ouro Preto” – à imagem e semelhança do “Lampadário de Cristal”, exemplar composição gongorizante de Jerônimo Baía.

O *Tempo espanhol* (1959) testemunha o adensamento dessa onda barroquizante, a começar da epígrafe onde, entre vários nomes, reluz o de Santa Teresa de Jesus e o seu verso-emblema – “Que muero porque no muero” –, que ressurge integralmente no fecho do poema “Ávila”. Os numes tutelares do poeta são, nesse instante da sua carreira, antigos confrades castelhanos:

*Da linguagem concreta iniciadores,
 Mestres antigos, secos espanbóis,
 Poetas da criação elementar,
 Informantes da dura gesta do homem;*

*Vossa lição me nutre, me constrói:
 Espanha me mostrais diretamente.
 Que toda essa faena com a linguagem,
 Mestres antigos, secos espanbóis,
 Traduz conhecimento da hombridade
 (O homem sempre no primeiro plano).²*

A ponto de, referindo-se a Gôngora (“Lida de Gôngora”), dar a impressão de seguir desenhando o seu auto-retrato, uma espécie de ato falho ou de identificação até então desconhecida. Mais adiante assinala “o estilo de contrastes” de Picasso, “construindo e destruindo ao mesmo tempo”, fundindo “força e contenção” (“Picasso”), sem querer se autodefinindo, ou revelando secretas motivações.

Contemporaneamente à ênfase na faceta barroquizante da sua maneira de ver a realidade, vai mostrando em toda a extensão um aspecto da sua história poética: a engenhosidade formal. Sabíamos que a sua poesia se caracterizava pela pugna entre essência e forma; percebíamos que uma ansiava a outra, como entidades complementares. Conhecíamos-lhe a facilidade em compor versos. Víamos que, nos primeiros livros, estava mais voltado para os conteúdos que para as formas com que os revestia ou exprimia. Interessava-lhe menos a arte do verso que veicular, pelo seu intermédio, crenças e dúvidas ligadas à religião, a Deus, etc. Não que ignorasse os segredos da versificação, antes pelo contrário, mas é que os colocava a serviço das idéias, jamais como um fim em si mesmo. Para ele, não existia a “arte pela arte”, senão a arte engajada por vezes nas questões políticas, e

² Idem, *Tempo espanhol*, Lisboa, Moraes, 1959, p. 17.

especialmente na crença religiosa: como os renascentistas e barrocos espanhóis de semelhante estirpe, fazia arte ao divino.

Agora, porém, se observa um desequilíbrio em favor do segundo termo da equação, denunciando o ingresso numa fase em que o melhor da sua faculdade ideativa havia ficado para trás. Em *Convergência* (1970), o poeta desenha grafitos verbais e ainda pratica os exercícios vocabulares dos barrocos, num ludismo que não pode ser levado a sério, notadamente pelo leitor que acompanhou com atenção o “outro” Murilo Mendes. A concisão, realiza-a no limite máximo, paredes meias com o Concretismo. Confessa a influência de João Cabral de Melo Neto: “João cabralizei-me”; cunha “murilogramas”, um dos quais, à Baudelaire, prega o consórcio entre “Fantasia, alquimia e álgebra”,³ o que seria um sintoma de sondagem nas fontes da sua poesia se não encerrasse, contraditoriamente, a renúncia do seu ideário progressivo.

Mudou, a olhos vistos, atualizou-se, acompanhou a marcha do tempo e ganhou maior poder de síntese, mas não sem pagar um alto custo. Mergulhou no paradoxo em que navegava, às vezes com segurança, outras à deriva, o seu lirismo: quando prolixo, era melhor, apesar de tudo; ao eleger a condensação de formas, pelos lados da despoetização do poema e do concretismo, revela ter perdido a força conflitiva que lhe alimentava a alma e os sentimentos de homem e de poeta. Chega, mesmo, ao mau gosto, em certo ponto de “Grafito segundo Kafka”, ao repisar, com a mão incerta, a sensualidade de outrora. Sem dúvida, persiste no geral a qualidade do tecido poético que vimos nas coletâneas precedentes, mas também são inequívocos os sinais de pertencer ao passado o momento de alta inspiração lírica.

Nas obras seguintes evidenciará a indefectível consciência literária, a gravidade com que encerava o seu ofício, a generosa função humanitária que atribuía aos poetas (V. “Microdefinição do Autor”, à

³ Idem, *Convergência*, São Paulo, Duas Cidades, 1970, pp. 73, 131.

entrada de *Poliedro*, 1972), o experimentar de novos caminhos formais e temáticos; tentará a prosa poética, esculpirá versos em italiano (*Ipotesi*, 1977), sem ressuscitar, no entanto, a fase anterior. Marcado pela dicotomia entre idéia e signo, atraído pela religião e pelo Surrealismo, Murilo Mendes jamais escondeu haver lutado até o fim por conciliar os opostos da sua formação, temperamento e caráter. Quando se perdeu nos extremos, deixou a sensação de promessa a cumprir, ou de render-se ao fascínio limitador das reduções formais, ele que suplicava, em “Máquina de sofrer” (de *Poemas*), que o desligassem do mundo das formas; quando alcançou a desejada aliança, colocou-se entre os maiores poetas do tempo.



Murilo Mendes.

O polimorfo Murilo Mendes

FÁBIO LUCAS

~ O poeta insólito

Tomemos a carreira literária de Murilo Mendes na perspectiva do insólito, dados os seus gestos e concepções desacostumados. Não somente na literatura, como também na apreensão e crítica do balé, da música, do cinema e das artes plásticas. Seu campo de percepção do fenômeno estético apresenta o mais amplo espectro, talvez o mais aberto entre os modernistas, não fora a forte predisposição de Mário de Andrade a abarcar todas as manifestações do campo artístico. Fiquemos, todavia, no Murilo Mendes poeta e prosador.

Estas reflexões constituem variante e extensão da obra que preparamos para comemorar o centenário do poeta de Juiz de Fora, *Murilo Mendes, poeta e prosador* (São Paulo, Educ, 2001). Desejamos assinalar, antes de mais nada, o lado heterodoxo com que Murilo Mendes abraçou suas causas literárias, embora, nos fundamentos de sua visão de mundo ficassem fronteiras que ele jamais cruzaria. Exemplo: sua

Doutor em Economia Política e História das Doutrinas Econômicas, Fábio Lucas se especializou em Teoria da Literatura. É professor, ensaísta e crítico literário. Tem inúmeros livros publicados, entre os quais *Temas literários e juízos críticos* (1963), *Do barroco ao moderno e Crepúsculo dos símbolos: reflexões sobre o livro no Brasil* (1989) e colabora em periódicos especializados.

fé no catolicismo, a partir da conversão que experimentou em 1934, ante a influência da morte do pintor e amigo Ismael Nery.

Mesmo no campo da fé, não seguiu a linha predominante da Igreja de seu tempo, conservadora e reacionária. Conforme rememora Pedro Nava, ao tratar da conversão do poeta, “Esta conversão não resultou de nenhuma catequese, de nenhuma dedução desse ser lógico, de nenhuma reflexão desse homem inteligente, mas de um estado emocional que funcionou a fogo, como um pentecoste, na noite do velório de Ismael Nery”. É que o cristão Murilo Mendes ingressou no rebanho da Igreja Católica sem o espírito de grei, de devoto resignado ao curral dos eleitos. Precedeu, de certa forma, o movimento de abertura dos cânones, a fim de que o crente pudesse respirar um pouco de liberdade diante de tanta ortodoxia. Quem conhece a história do catolicismo no Brasil, dos anos 30 até o período seguinte ao golpe militar de 1964, poderá vislumbrar quantos religiosos se moveram da posição conservadora e até fascista para a militância libertária, de esquerda, próxima até, em certos casos, da doutrina marxista.

Murilo Mendes, no curso de sua acidentada vida intelectual, marchou com irreverência e alto espírito crítico para os campos da motivação social, anti-capitalista e ligeiramente socialista.

Nota-se, como em Henriqueta Lisboa e Alphonsus de Guimaraens Filho, a visita, na maturidade, do princípio da dúvida ao castelo da convicção religiosa. Daí a curiosidade de o seu livro póstumo, de poemas escritos em italiano, levar o título *Ipotesi* (1977).

Um aspecto do estado de poesia em que militou Murilo Mendes: compôs poemas tanto em italiano (velha tradição mineira, que vem dos Arcades como J. Basílio da Gama e Cláudio Manuel da Costa), quanto em francês (como o simbolista Alphonsus de Guimaraens). Tal iniciativa “aloglota”, para usar expressão do excelente intérprete Júlio Castañon Guimarães,¹ indica forte inquietação do espírito e aprofunda o seu perfil polimorfo.

¹ Cf. *Territórios / Conjunções – poesia e prosa crítica de Murilo Mendes*. Rio, Imago, 1993, p. 247.

Na produção literária, o eixo foi o grande apreço que emprestou ao Surrealismo. Na verdade, foi o poeta brasileiro que mais se associou à grande vanguarda de origem européia e mais energicamente praticou os princípios surrealistas nas suas produções literárias. É preciso assinalar, no entanto, que o próprio Surrealismo não se apresentou como um conceito monolítico, mas antes se mostrou cheio de matizes, tanto na teoria, quanto na prática. Segundo depoimento do poeta, o Surrealismo entrou em sua vida na década de 20, assim como na dos amigos Ismael Nery, Mário Pedrosa e Aníbal Machado. Aproveitou do movimento a “cartilha inconformista”, a poética dos elementos díspares, enfim, “o surrealismo à moda brasileira”.

O Surrealismo de Murilo Mendes por vezes se associa ao Dadaísmo, antepassado do Surrealismo (foi admirador de Tzara) e ao Cubismo (quando Picasso propôs o “somatório das destruições”). Mas a essência de sua proposta surreal vem da inspiração onírica entrelaçada com a rebeldia antiburguesa. Tudo com humor iconoclasta. E principalmente pelo gosto das metáforas ousadas e, não raro, grotescas, como forma de quebrar os grilhões da racionalidade.

Os últimos escritos de Murilo Mendes revelam a sua concepção da arte poética, mistura de *iluminação* com a *construção* (Mário de Andrade, no Prefácio Interessantíssimo a *Paulicéia desvairada*, havia proposto a fórmula de P. Dermée: Lirismo + Arte = Poesia). Não descrê da sensibilidade nem do preparo técnico necessário à concepção do poema. Não se tornou um cerebral, muito menos um repentista. Ajustou as duas faces da criação: o êxtase da posse à *tekhne*, a fabricação do efeito.

~ Poeta e prosador

Há, em Murilo Mendes, nascido a 13 de maio de 1901 e falecido a 13 de agosto de 1975, um poeta e um prosador. O que se vê de co-

mum entre ambos, no curso da eclosão das vanguardas do século XX, é o propósito de revolucionar a linguagem. Basicamente o jogo da liberdade do espírito, contra o jugo das convenções. Daí sua afinidade com o Surrealismo e, de certo modo, com o Barroco. Na técnica da expressão verbal, propôs a prevalência da imagem sobre o conceito, princípio com que acabou influenciando João Cabral de Melo Neto que, em dado momento, compôs uma Antologia de Murilo Mendes.

É desta matéria que trata *Murilo Mendes, poeta e prosador*. Místico, erótico, visionário, excêntrico, alucinado são designativos que a crítica lhe endereçou, dado o caráter surpreendente da expressão do escritor, que se tornou notável crítico e estimulador das artes plásticas e exímio comentarista da música. A múltipla percepção do poeta deu-lhe uma lírica multiforme e orquestral, dotada de uma pluralidade de recursos.

Tendo vivido na Itália e convivido com os maiores artistas da Europa, não se distanciou, porém, da herança brasileira. A quem perguntasse “qual o maior livro do mundo?” Murilo Mendes responderia sem trepidar: *Grande sertão: Veredas* de Guimarães Rosa. Sua admiração pelos poetas Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto não tinha limites. Em parceria com Jorge de Lima, publicou *Tempo e eternidade* (1935), de ritmo largo, bíblico. Depois escreveu *Os quatro elementos* (1935), após a sua conversão ao cristianismo, incluído na coleção *Poesias* de 1959. Versos concisos, de rara contenção verbal.

1935 foi, deste modo, o ano crítico de Murilo Mendes. Defrontou-se com Mozart, na paixão musical, e Ismael Nery, falecido em 1934, sua mais fervorosa lembrança. Barroco e Surrealismo, mais uma vez. A visão de Ouro Preto acentuou sua afeição pelo Barroco e a convivência com poetas e pintores europeus o fez mergulhar no Surrealismo. A paisagem da Sicília renova sua noção imagística das

palavras. E a Espanha inspira-lhe o *Tempo espanhol*, cujo fundamento ibérico é encontrado em Picasso, que soube “fundir a força e a contenção”.

Mais do que tudo, Murilo Mendes é o poeta dos contrastes. O catolicismo é agônico e, por vezes, irreverente. A sua visão de mundo é política, quase sempre cáustica com os valores burgueses, sempre ácida quanto ao nazi-fascismo. O seu surrealismo ora apresenta um transbordamento barroco, ora é contido e seco como um clássico.

~ Glorificar Murilo Mendes

Torna-se urgente evocar Murilo Mendes, poeta ora musical, ora dissonante; ora barroco, ora surrealista; ora transbordante, ora contido: católico agônico e iconoclasta, que experimentou todos os ritmos e metáforas para fixar a ascendência da imagem sobre o conceito. Buscava mais a musicalidade do que a sonoridade. Preferia o ritmo sincopado, “a quebra violenta do metro”.

E também falar do prosador agudo que escreveu ensaios inesquecíveis sobre a literatura, a música e as artes plásticas, além de configurar um memorialismo de estilo marcadamente pessoal.

Lírico e prosador revolucionário, de imagens poéticas fortes e chocantes, foi homem de gestos corajosos e ousados. No dia da entrada das forças alemãs na Áustria, telegrafou a Hitler protestando em nome de Mozart. E, ao chegar a Roma, declarado *persona non grata* pela Espanha de Franco, quando o Brasil já mergulhara no pântano da ditadura militar, levantou um brinde ao fim de todas as ditaduras.

Murilo Mendes, poeta e prosador visa, pois, a trazer ao leitor a completa figura do escritor juizdeforano, autor de “retratos-relâmpago”, grafitos e murilogramas de insuperável originalidade.

~ O prosador na era do transistor

Difícilmente se pode desvincular a obra literária do conteúdo biográfico. As diferentes composições de um autor não raro apresentam estilhaços da experiência vital, no que tem essa de polímorfo e avassalador. Especialmente isso ocorre naqueles escritores de pendor memorialístico ou confessional.

Murilo Mendes surgiu impregnado da atmosfera modernista. Combinava certo respeito pela tradição e pelos autores consagrados com um temperamento irreverente e cáustico. Lírico derramado, mas espírito crítico mordaz. No fundo, um romântico vocacionado para o apocalipse.

No estudo de sua obra poética procuramos minudenciar as várias correntes literárias em que se banhou, ao lado de fornecer-lhe os acentos típicos, autênticos e intransferíveis. Do mesmo modo, aposamo-nos de sua prosa, na qual os tópicos e a temática absorvidos pelos versos refluem travestidos da função narrativa, historiográfica ou meramente de juízos interpretativos ou críticos. Ler a prosa de Murilo Mendes é desfrutar de um modo muito original de descrever, selecionar e definir. Elipses e metáforas engrandecem os textos.

Com a competente introdução de Luciana Stegagno Picchio, publicou-se *Transistor* (Rio, Nova Fronteira, 1980), que encerra uma antologia da prosa muriliana, produzida no período 1931-1974. Assinale-se que a seleção fora efetuada pelo autor (falecido a 31 de agosto de 1975) e por Saudade Cortesão Mendes. Inclui *Carta geográfica* (1965-1967), *Tempo espanhol* (1966-1969) e *Janelas verdes* (1970), inéditos até então. Mais ainda: acrescenta a 2ª série, inédita, de *Retratos-relâmpago* (1973-1974), *A invenção do infinito* (1960-1970) e *Conversa portátil* (1931-1974). Portanto, uma ressurreição apoteótica de Murilo Mendes.

Não é fácil ao leitor separar os domínios de sua poesia e da sua prosa, dado o processo de sua estruturação textual, cuja racionalidade e rigor crítico são permanentemente sacudidos por agitações da insanidade e do caos. Da longa viagem pelo Surrealismo, Murilo Mendes trouxe um descompromisso meio teatral com a compostura e certo visionarismo anárquico sobre a vida.

Paradoxal combinação de forças descontroladas do espírito. De um lado, um Murilo Mendes católico, apostólico, romano, um cren-te irredutível em suas convicções religiosas, um militante da implantação de Cristo no planeta. Numa carta a Emílio Moura, de 31 de outubro de 1936 (“Na Vigília de Todos os Santos”, como escreve no pórtico superior), Murilo Mendes nada mais faz que vibrante apostolado em prol da conversão do destinatário. Aponta o caminho da Igreja para o poeta amigo e tece demorado discurso de catequese. “Porque não usa você a minha experiência?”, indaga. E acrescenta: “Estou à sua disposição. Nada valho por mim mesmo, mas tenho atrás de mim a sombra formidável da Igreja Católica, mestra infalível da Verdade.” Mais conservador, impossível.

De outro lado, a prática da vida o leva aos recantos do protesto contra a vida burguesa, à indignação cívica e à militância na seara surrealista, quando esta se confundia com os movimentos revolucionários da esquerda política. Daí ter-se Murilo juntado, na década de 20, a alguns amigos para adaptar-se à visão de mundo supra-real. Motivo para o conceito com que José Guilherme Merquior ilustra a “Introdução lírica à poesia de Murilo Mendes”, em prefácio à *Antologia poética* de Murilo Mendes organizada por João Cabral de Melo Neto: “Um cristão, porém, do lado da esperança, muito mais que da crença.”²

Tomemos, pois, *Transistor*. Entre os retratos-relâmpago sobressai o de Ezra Pound, controvertida personagem. Diz, em dado momento: “A descontinuidade e falta de estrutura de seus poemas – segundo al-

² Brasília, Fontana / MEC, 1976. Cit., p. xxii.

guns críticos impertinentes – talvez provenham da sua intuição do valor positivo do silêncio: em toda grande poesia, como em toda grande música, há que captar a força do silêncio. E não será a palavra a metáfora do silêncio? A *alusão* – recurso poético que procede de Mallarmé – acha-se plantada na pessoa de Pound tanto quanto nos seus textos.” (p. 201). E, adiante, prossegue em lúcida e erudita avaliação: “Volto para casa meditando na crise do mundo atual. Na crise da poesia analítico-discursiva. Na crise da poesia concreta. Na crise da aventura do homem, na desintegração do sagrado. No erro crítico que consiste em taxar de humano somente o que vem da sensibilidade e do instinto, separando o humano do intelectual.” (p. 203)

Como tudo o que saiu da pena de Murilo Mendes, o drama pessoal se mescla aos conceitos gerais. Daí ser possível extrair, dos trechos da prosa, a essência do seu pensamento e da sua poética. Veja-se o que disse acima, a propósito de Ezra Pound. O texto é de 1971.

Enaltecer a excelência das obras de Murilo Mendes representa, também, limitar o impulso de colher evidências, pois o poeta-prosador é de tal forma insinuante que, no concerto de suas noções e achados, melhor será referir por alto do que transcrever. Por exemplo, no retrato-relâmpago de Pierre-Jean Jouve o que se salienta é a perfeição do perfil. Mas, aos poucos, o que se tem é uma contribuição preciosa acerca do próprio Murilo Mendes, seu modo de ser e de pensar. Daí insistirmos em que o retrato do poeta se compõe, em grande parte, das opiniões que transmite acerca dos escritores, músicos e artistas que admira. De Jouve retém o lado psicanalítico, que completa a visão surrealista, os confrontos da vida e da morte e a suspeita da tragédia de 1939. Murilo Mendes é capaz de sínteses admiráveis: “Para Jouve o inconsciente é *motor de poesia*. Impossível separar o sexual do espiritual.” Ao enumerar as qualidades do retratado, Murilo Mendes se põe inteiro, como, por

exemplo, na afeição por Mozart, “um intérprete das forças totalitárias de Eros, um antídoto contra a vulgaridade da vida moderna; aquele que nunca separa a dimensão trágica da feérica” (p. 207). Retrato-relâmpago de 1971. A sacralização de Mozart pode ser vista na visão de “Salzburgo” da *Carta geográfica*, onde o músico é tratado como “Ele”, como um Deus.

O mesmo acontece com outros retratos. O de Cocteau, por exemplo, visto com olhos complacentes, mas, ao mesmo tempo, crítico: “As experiências de Cocteau cineasta e pintor não me convencem.” (p. 210).

Admiração saudável é a que destina a Guimarães Rosa. Prosa-poesia para anunciar, por exemplo, a morte do escritor: “Estoura a retrovoadá, manifesta-se a sinistra palavra infarto, explode-lhe o coração de dez andares.” Depois de evocar autor e obra, Murilo Mendes literatiza: “Silêncio esdrúxulo que interrompe o martelar da araponga.” (p. 212)

Entre os santos do oratório do poeta mineiro, um dos mais rezados é Giorgio de Chirico, em cuja pintura Murilo Mendes se inspirou. Pintura “... contra o domínio da mecânica, contra a predominância da razão, contra certos postulados da civilização burguesa” (p. 218). Outra inspiração foi Max Ernst. Quando diz de Chirico, diz do primeiro, pois o segundo não interessa tanto, uma espécie de personagem bufa, “rival de Dalí”.

Tudo, na vida mental, integra a biografia? Pelo menos nos estados de êxtase ou de estesia, relatados por Murilo Mendes, poeta cuja base são as epifanias. Assim, ao narrar seu contato com Nijinski, parte para o registro impressionista e, por último, apela para a memória dos apogeus: “Prossigue o diálogo sonho-realidade. Sete anos anteriormente eu participaria do cometa de Halley, quatro anos depois descobri o prodígio Ismael Nery, Nijinski da conversação, e o choque Mallarmé” (p. 226). Retrocedendo um pouco,

lembramos que Murilo Mendes, quando flagra Jean Arp, comenta, na linha do argumento que desenvolvemos: “Mas todas as verdadeiras criações do espírito, mesmo as aparentemente impessoais, mesmo uma equação de Einstein, não se resolvem afinal em autobiografia?” (p. 221)

Além do observador tenaz de quadros e pintores, do amante incorrigível da música, há em Murilo Mendes o viajante perfeito, capaz de estupor diante da descoberta, do grito perante o novo. A inteligência descritiva do poeta-prosador se apóia no pressuposto de que a beleza está pousada em tudo. Basta o olhar curioso para fazê-la saltar.

A beleza lhe é também um ato de inteligência e de conhecimento acumulado. Já se disse que as viagens são como certas estalagens espanholas em que cada um se alimenta do que leva. As visitas de Murilo Mendes, então, parecem um itinerário de esplendores. A Grécia seja exemplo. “Qual seria a verdadeira informação sobre o país que inventou o diálogo? O certo é que a Grécia, talvez devido à elasticidade dos símbolos e do mito, sempre nos escapa” (p. 233). Adiante reflexiona: “Direi que a cidade consiste na Acrópole, e nos museus? Esquecerei o elemento mais vivo de Atenas e de toda a Grécia, a luz que, nos redimindo de muitas culpas, consegue nos subtrair à idéia dissonante da morte?” (p. 233)

Na viagem é que mais se aguça a energia do olhar. E no interior da mente se processam as analogias e os contrastes, as articulações metafóricas que galvanizam o texto. Exemplo: quando o poeta intitula o texto, “A Holanda”, já tem no espírito Mondrian (não, ainda, Bosch, Rembrandt, Van Gogh ou, longinquamente, Vermeer) pela consonância de sua obra, sua precisão medida, com o gênio da planificação do homem holandês.

Poeta-prosador sensível, Murilo Mendes se abasteceu, nos simbolistas, da sensibilidade múltipla, que provoca e mistura os senti-

dos, no jogo sempre lembrado das correspondências. Ao dizer de Haia, não deixa de confessar: “Recordo-me que na minha infância eu queria não tocar música, mas tocar a música. Assim começou minha iniciação a esta arte. Pois não é com as mãos, a boca e até mesmo os pés, que executamos?” (p. 257). O poeta desenvolve, portanto, o conceito de música tangível.

Letras, música, artes... tantas afinidades estéticas. Mas não escapou a Murilo Mendes o poder persuasivo da dança. Já dissemos do fenômeno Nijinski. E o flamengo? “Constituí talvez a técnica de canto e dança mais contagiosa, humana, terrestre, obtida com economia de meios”, diz (p. 311) numa página insuperável acerca da dança espanhola.

Na obra *Janelas verdes* Murilo Mendes passeia por Portugal e traz-nos, fundos, os elos culturais que nos inauguraram para a atividade culta. Ao discorrer sobre as janelas numerosas de Guimarães, não lhe escapa o comentário arguto: “Abrindo o povo tantas janelas, quer dizer (suponho) que é arejado, ama a vida, a comunicação.” (p. 331)

Homem de tantos relacionamentos e de experiência intelectual ilimitada, Murilo Mendes não se recusa a desdenhar o século XX (incapaz, a seu ver, de construir grandes praças) e a lamentar o processo de banalização da cultura a que a automação e o espírito burguês levaram a civilização contemporânea. E, ao considerar Vila Real de Santo António, introduz o comentário, entre irônico e desencantado: “Saboreio o anonimato. Não me refiro ao meu anonimato, pois em grande parte do mundo, a começar por Juiz de Fora, sou anônimo.” (p. 355)

A fragmentação é um dos fortes procedimentos de Murilo Mendes. Coisa antiga na sua obra. *Transistor* reproduz aforismas de *O discípulo de Emaús* (1945). É daí que escolhemos, como significativo, o de nº 651, pois compreende perfeitamente os dois pilares da

obra do poeta, a tradição e a ruptura: “Recolhamos da tradição o que é espiritualmente vivo e queimemos suas forças caducas.” E talvez para reforçar o poder órfico da criação literária, medita sobre a grandeza da imaginação demiúrgica: “Só não existe o que não pode ser imaginado.”

É no capítulo final de *Transístor* que se publica “Conversa portátil”, do qual destacamos o poema cujos versos se dispõem separados por barras, talvez o mais ousado manifesto existencialista do poeta, calcado numa litania isomórfica, anafórica, que acaba concentrando seu poder emocional e informativo no verbo final (como se estruturado ao modo do período latino): “Para conhecer os motivos da morte / para ser bem recebido nos seus átrios e participar das grandes festas da sua fome / para distinguir os esqueletos cultos dos ditos analfabetos, os mansos dos cruéis, os raffinés dos grosseiros / para desvelar os textos do Livro dos mortos guardados por Osíris nas pirâmides nucleares / para tocar a flauta mágica / para concluir a palavra / para decifrar o rito do touro / para romper com Rimbaud o pão de pedra / para ler novos cânticos de Dante / para defrontar Helena de Tróia / para desmontar o tempo / para completar minha cota terrestre

existo.” (p. 403)

O outro destaque vai para o conjunto de apólogos que têm escritores e artistas amigos em evidência, os “Mortos-vivos”, de que o sobre Graciliano Ramos no pareceu o mais original:

“ – Graciliano, no Nordeste do outro mundo tem água?

“ – Água não falta. O que falta é vontade de beber.”

Parece-nos que o chiste tem origem num trecho das *Memórias do cárcere* em que Graciliano Ramos observa que, no Estado Novo, a censura não caía fortemente sobre a produção literária, mas o que matou foi a vontade de escrever.

Aí está o Murilo Mendes de *Transistor*, título original, com a sua carga simultânea de modernidade e ironia. Certa vez, em Princeton, EUA, onde estivemos exilado em 1971, convivemos com o físico brasileiro Jaime Tiomno, igualmente exilado, que lá chegara para integrar uma equipe que estudava os “buracos negros”. Em certa ocasião ele explicou-nos a razão pela qual a então URSS perdera a corrida espacial para os Estados Unidos. É que o Partido Comunista, intrometendo-se na Ciência, vetara o uso de transistores na fabricação dos computadores por serem “material burguês”. E os russos trabalhavam com computadores de várias toneladas, pesados demais para as aventuras espaciais. O nosso Murilo Mendes, diversamente, usou a leveza da prosa contida, aguda e agressiva, para elaborar os textos do seu *Transistor*, variante da poesia polifacetada, anarcosurreal, com que declarava o amor às artes, o primado do espírito, o protesto engajado, o grito anti-fascista e o culto de Eros, ora abrindo-se ao sublime, ora mergulhado no grotesco. Espécie de loucura dirigida ou de pragmatismo inconsciente. O certo é que o enigma deste mundo ganhou, com a obra de Murilo Mendes, um extenso e extraordinário desdobramento na linha do esplendor e da cintilação. Sua prosa lembra um poliedro, assim como a poesia se assemelha a uma fotomontagem.

Ismael Nery, *Auto-retrato* – c. 1930
Óleo s/madeira – 62 x 47,5 cm
Coleção Gilberto Chateaubriand –
MAM RJ



Poesia e prosa de Murilo Mendes: Exemplos

~ Poemas de *O visionário*

A MULHER DO DESERTO

A mulher de areia
Penteia os cabelos de folhas de palmeira,
Estende as mãos de cardo
Pedindo água,
Depois descansa as mãos de cardo
Na humildade da pedra.

A mulher do deserto
Pensa nos seus amores infelizes,
Pensa nos seus amores
Que se evaporam quando o sol nasceu.
Depois não pode mais pensar
Porque o tempo é pouco para pedir água.

A FILHA DO CAOS

O rio da noite banha
O alicerce das tuas pernas;
Andam brutos e assobios
Na curva, pra te cercarem;
Levanta o arco do corpo,
Sacode a aura sublime
Dos teus sovacos molhados,
Muda o rumo das estátuas,
Manda a criação se deitar...

Das nuvens do teu passado
Quem teus seios deslocou?
Quando surgiste na onda
Teu corpo logo assumiu
Uma feição quase eterna;
Os braços quando se movem
Chamam o júízo final,
Os mortos te obedeceram,
Vêm no cortejo do vento,
Mas a música reclama;
Para a consciência do som
Fizeste a ponte azulada,
Até os próprios gigantes
Palpitaram, desmaiaram,
Transformaram-se em meninos
Pra poderem te abraçar.

Que tens o peso da pedra
E a transparência da onda,

A fremência do cavalo
 E o cheiro... que nenhuma tem;
 Negra floresta, profunda,
 Adormece em teus pentelhos;
 Assisto em ti à alvorada,
 À tempestade e ao crepúsculo,
 Ao movimento e ao repouso...
 Que nem Deus terá coragem
 De penetrar em teus sonhos!
 Cuspirás no meu cadáver,
 Do cuspo saem rajadas
 De granizo, que destroem
 Este mundo e a Criação.

~ *De A poesia em pânico*

CONHECIMENTO

A marcha das constelações me segue até no lodo.
 Estendo os braços para separar os tempos
 E indico ao navio de poetas o caminho do pânico.
 Quem sou eu? A sombra ambulante de meus pais até o primeiro
 homem,
 Quem sou eu? Um cérebro deixado em pasto aos bichos,
 Sou a fome de mim mesmo e de todos,
 Sou o alimento dos outros,
 Sou o bem encarcerado e o mal que não germina.
 Sou a própria esfinge que me devora.

VIVER MORRENDO

Eu preciso da paciência dos prisioneiros
Que há vinte anos olham o azul através das grades.
Preciso da esperança de Maria
Sentindo no seio a germinação do Salvador do mundo.
Preciso me revestir da estabilidade da pedra
Para ver o movimento imóvel, o deserto sem cardo...

O ÁTOMO

Agasalha-me à sombra do teu corpo.
Aninha-me entre teus seios,
Aquece-me no calor do teu ventre.
Coisa ínfima, quero ficar perto de ti:
Pássaro que fugiu da tempestade.

Eu sou uma moeda que Deus deixou rolar no chão.

~ De *As metamorfoses*

1999

Estrelas em fragmentos rolarão sobre mim.
Retratos de belas dançarinas serão levados pelo vento
Até a cova rasa em que descanso.
Ninguém pode morrer, que a flor não deixa,
A sombra da árvore não deixa, a pedra e a cruz não deixam.

Tudo começa de novo e existe para sempre.
Eu amei todas e todas me amaram sem saber.
A semente de trigo deu a volta ao mundo
E se levanta em hóstia sobre minha alma seqüestrada.

Rio, murmura como no primeiro dia da criação,
Cometa, surge de novo me incorporando ao céu,
Operário, transmite no espaço o coro da humanidade.
Eis que venho sobre as nuvens.

Tocam-se o fim e o princípio:
FIAT LUX outra vez.

ESTUDO PARA UM CAOS

O último anjo derramou seu cálice no ar.

Os sonhos caem na cabeça do homem,
As crianças são expelidas do ventre materno,
As estrelas se despregam do firmamento.
Uma tocha enorme pega fogo no fogo,
A água dos rios e dos mares jorra cadáveres.
Os vulcões vomitam cometas em furor
E as mil pernas da Grande dançarina
Fazem cair sobre a terra uma chuva de lodo.
Rachou-se o teto do céu em quatro partes:
Instintivamente eu me agarro ao abismo.
Procurei meu rosto, não o achei.
Depois a treva foi ajuntada à própria treva.

A DAMA BRANCA

Ei-la que surge, taciturna,
Anunciada pelos grandes candelabros que se tocam.
Soam tambores nas nuvens,
Cruzam-se mortos no céu.

O longo vestido branco
Ocupa a linha inteira do horizonte.
Através de gerações e gerações
As mães transmitem às filhas durante o noivado
A idéia do vestido que os bichos do campo teceram.

Ela vem para mim,
Para todos os que admitem vê-la.
Traz o diadema que a separa do comum das mulheres:
Distribui sonhos entre os pobres
E punhais entre os ricos.

Eu a vi, na noite transparente e sem febre,
Quando um clarão ambíguo indicava seu corpo,
E formas desnudas empurravam a lua.

Desde então que percorro arfando o mundo,
Vazio de mim mesmo sem me ver.

~ *De Mundo enigma*

POEMA BARROCO

Os cavalos da aurora derrubando pianos
Avançaram furiosamente pelas portas da noite.
Dormem na penumbra antigos santos com os pés feridos,
Dormem relógios e cristais de outro tempo, esqueletos de atrizes.

O poeta calça nuvens ornadas de cabeças gregas
E ajoelha-se ante a imagem de Nossa Senhora das Vitórias
Enquanto os primeiros ruídos de carrocinhas de leiteiros
Atravessam o céu de açucenas e bronze.

Preciso conhecer meu sistema de artérias
 E saber até que ponto me sinto limitado
 Pelos sonhos a galope, pelas últimas notícias de massacres,
 Pelo caminhar das constelações, pela coreografia dos pássaros,
 Pelo labirinto da esperança, pela respiração das plantas,
 E pelo vagido da criança recém-parida na Maternidade.

Preciso conhecer os porões da minha miséria,
 Tocar fogo nas ervas que crescem pelo corpo acima,
 Ameaçando tapar meus olhos, meus ouvidos,
 E amordaçar a indefesa e nua castidade.
 É então que viro a bela imagem azul-vermelha:
 Apresentando-me o outro lado coberto de punhais,
 Nossa senhora das Derrotas, coroada de goivos,
 Aponta seu coração e também pede auxílio.

~ De *Poesia liberdade*

OFÍCIO HUMANO

As harpas da manhã vibram suaves e róseas.
 O poeta abre seu arquivo – o mundo –
 E vai retirando dele alegria e sofrimento
 Para que todas as coisas passando pelo seu coração
 Sejam reajustadas na unidade.

É preciso reunir o dia e a noite,
 Sentar-se à mesa da terra com o homem divino e o criminoso,
 É preciso desdobrar a poesia em planos múltiplos
 E casar a branca flauta da ternura aos vermelhos clarins do sangue.

Esperemos na angústia e no tremor o fim dos tempos,
Quando os homens se fundirem numa única família,
Quando ao se separar de novo a luz das trevas
O Cristo Jesus vier sobre a nuvem,
Arrastando por um cordel a antiga Serpente vencida.

~ *De Tempo espanhol*

NUMANCIA

Prefigurando Guernica
E a resistência espanhola,

Uma coluna mantida
No espaço nulo de outrora.

Fica na paisagem térrea
A dura memória da fome,

Lição que Espanha recebe
No seu sangue, e que a consome.

AS CARPIDEIRAS

(PINTURAS DO SEPULCRO DE DON SANCHO SAIZ
CARRILLO. 1300. MUSEU DE ARTE ANTIGA, BARCELONA)

Altas e agudas flechas espanholas.
Não chorais agora apenas
O cavaleiro estendido no chão:
Chorais árida Espanha abatida.

Flechas também dobradas,
Chorais a vida abatida.
Manifestais, não a máquina da dor,
Mas a dor já rarefeita
Na arquitetura dos corpos herméticos,
Nas listas terrosas e negras
Dos vestidos.

Mulheres contidas
Que uma plástica esquemática
Ordena em rigor: de Espanha
Lamentais a vida abatida.

Prosa de Murilo Mendes

~ De *Retratos-relâmpago*

GRACILIANO RAMOS

Encontrei muitas vezes Graciliano Ramos. Admirava naturalmente o escritor pela severidade e precisão do estilo, seu dom criador de personagens concretos, sua denúncia das falsas estruturas sociais, estimando também o homem pela independência e franqueza de suas polêmicas atitudes, embora às vezes temperamentais ou desagradáveis. Segundo tentei defini-lo num página do meu livro *Convergência*, era

Brabo. Olho-faca. Difícil.



Quando inspetor federal de ensino secundário no Rio, Graciliano foi em certa época designado para exercer essa função no Colégio de São Bento. Decretada pelo governo Dutra a ilegalidade do Partido Comunista, o escritor procurou o prefeito do colégio, declarando que ia tratar da sua transferência a fim de não constranger os monges. Pediram-lhe então que continuasse a trabalhar em São Bento onde era muito estimado: Graciliano concordou.



Um dia realizou-se no mosteiro o ato da investidura do novo abade Dom Martinho Michler, que iria continuar a obra iniciada por Dom Tomás Keller, de transformação da mentalidade dos noviços

segundo o espírito da Igreja primitiva e da Igreja moderna. Tal cerimônia dura umas três horas. O templo achava-se repleto de fiéis. De repente distingui num canto Graciliano, em pé, seguindo o desenrolar do ofício no livro com o texto litúrgico próprio do ato. Fiz-lhe sinal que viesse ocupar o posto vago perto de mim; resistiu ao apelo, firme, em pé durante todo o tempo que durou a cerimônia. Terminada esta, seguiu-se-lhe, de acordo com a tradição hospitaleira da Ordem Beneditina, um almoço festivo no amplo refeitório; nós dois sentamo-nos à mesa dos hóspedes, ornada de palmas e gravatás. Serviram-se bons vinhos portugueses.



O fato intrigou-me. Apreciaria Graciliano a linha de rigor e precisão estética da missa pontifical que, entre outros, o acatólico Mallarmé admirava, tanto assim que lhe dedicou uma grande página das *Divagations*? Dias depois, encontrando-o na Livraria José Olympio, perguntei-lhe frontalmente o motivo da sua atitude: o fato de ele, um materialista, assistir com tanta atenção àquela cerimônia, acompanhando-a no texto latino-brasileiro, e de pé durante três horas. Ele me respondeu que no fundo era espiritualista, tendo aderido ao marxismo por julgá-lo a única doutrina capaz de colocar na sua justa dimensão o trabalhador brasileiro. “Detesto a burguesia e seus partidos, detesto esses políticos safados, patifes, canalhas que só querem saber de dinheiro e nada mais”, brontolava, mascando o infalível cigarro e levantando o braço polêmico. Acrescentou que tendo perdido na mocidade um ente queridíssimo pensara em entrar para um convento, talvez franciscano; mas abandonou o projeto devido a fortes dúvidas sobre a imortalidade da alma. Confiou-me ainda que se houvesse no Brasil um partido cristão, sério, bem organizado, possivelmente ingressaria nele. Eis o que me informou tão imprevistamente o autor de *Vidas secas*.

Minha primeira reação ao regressar do encontro foi de espanto e surpresa. Depois cáí em mim: por que admirar-me daquele fato? Como se eu não tivesse lido muito, absorvendo-os, Dostoievski, Freud, Stevenson, Pirandello, Kafka, não tivesse vivido experiências de sondagem nas profundezas do ser humano com sua capacidade de desdobramento. Seria Graciliano um rígido ‘materialista’? Seria eu um rígido ‘espiritualista’? Antes mesmo daquela época eu já começara a duvidar dos esquemas e da versão oficial da nossa natureza, inclusive as autoversões. Agora então que me aproximo a passos largos da palavra eternidade – com ou sem direito a uma segunda vida – sinto se descolarem dia a dia as cômodas etiquetas que reciprocamente nos aplicamos, enquanto subsiste o enigma da nossa verdadeira identidade que talvez de resto nunca poderemos decifrar.

Em torno de um poema de Murilo Mendes

NELSON SALDANHA

No livro *Mundo enigma*, de Murilo Mendes, inclui-se o “Poema barroco”, que considero – desde que o li, em plena juventude – um dos maiores poemas da língua portuguesa.

O poema, onde me parece existir algo de Jorge de Lima (um parente literário de Murilo), revela uma profunda força, um poderoso latejar de imagens, algo que transparece na impressionante unidade da peça. Unidade que existe apesar da variedade de imagens tão própria do autor.

De fato a poesia de Murilo Mendes apresenta uma às vezes desconcertante (ou ao menos perturbadora) sucessão de alusões, que são configurações e representações mas também nuances trazidas pela adjetivação: um surrealismo que foi certamente da época, mas com traços expressionistas atenuados pela religiosidade do poeta. Essa religiosidade (que também se encontra em Jorge de Lima) atravessa os poemas de Murilo Mendes como um *basso continuo*, um passar quase silencioso mas não imperceptível.

Professor da
Universidade
Federal de
Pernambuco.

O “Poema barroco” começa abrupto, lembrando o início da Sinfonia nº I de Sibelius, com acordes que desabam e recomeçam. Digo conscientemente “desabam”, porque o poema se abre com estes dois versos:

*Os cavalos da aurora derrubando os pianos
Avançam furiosamente pelas portas da noite.*

A aurora não é aí uma iluminação inaugural, mas quase uma violação: ela faz desabarem as portas e entra pela noite. Derruba pianos: um instrumento pesado, difícil de ser derrubado, mas ao mesmo tempo profundamente musical.

Adiante aparecem “relógios e cristais de outras épocas”; sempre o agudo sentido do tempo, em um poeta que pensava em coisas intemporais como os anjos e o próprio Deus. E aparecem “cabeças gregas”: o poeta se orna com elas, mas ajoelha-se diante da imagem de Nossa Senhora das Vitórias. A alusão à Virgem convive, porém, de pronto, com carrocinhas de leiteiros, e há um “céu de açucenas e bronze”.

Esta comovedora união do frágil com o forte revela a ambigüidade que habita o espírito do poeta, ansioso por firmezas e certezas, mas enormemente sensível às coisas precárias, perecíveis e inermes. Nestas residem significações que o poema precisa detectar e recolher, antes que cessem. Daí a associação, na terceira estrofe, entre preocupação com suas próprias artérias (o sangue: precariedade e, entretanto, presença decisiva) e o esforço de suportar o mundo. Suportar as más notícias mas também os sonhos e as constelações. Os sonhos “a galope”, note-se, retomando a imagem do avanço dos cavalos da aurora.

E mais:

Preciso conhecer os porões da minha miséria.

Tema pascaliano, por certo (*misère de l'homme*), a miséria como fraqueza e afinal como finitude. Confusa disposição, a de vasculhar porões existenciais, tanto mais que poucos versos antes – na citada estrofe terceira – o poeta mencionava (talvez uma expressão-chave) o “labirinto da esperança”.

A estrofe final constitui um *detour*:

*É então que viro a bela imagem azul-vermelha:
Apresentando-me o outro lado coberto de punhais
Nossa Senhora das Derrotas, coroada de goivos,
Aponta seu coração e também pede auxílio.*



Deixei de transcrever o poema inteiro, o que poderia ter feito ao início, por supor que os leitores de Murilo Mendes o conhecem, e para dar a este texto um sentido autônomo. Mas no seu conjunto é que o poema possui seu encanto, estranho encanto, como peça que se destaca entre os poemas do livro e, entretanto, confirma o *modo* do autor, o tipo de imagens que usa, o ‘clima’ emocional a que corresponde sua poesia. Não se trata de poesia ‘elaborada’ como experimento verbal, nem construída como fuga: evitar isto, evitar aquilo. A poesia de Murilo Mendes brota e flui, o que não quer dizer que não revele um trabalho, uma artesanía consciente, uma concentração e uma competência. Ela exprime um constante diálogo com as coisas, que não são apenas coisas, objetos inertes: são entidades cujo significado as torna vivas. Diálogo com símbolos, com figuras que saem de

dentro do poema antes mesmo de escrito, como a confirmar o que escreveu uma vez Benedetto Croce: que o ponto crucial da criação artística é aquele em que o artista concebe a forma a ser dada à obra. Murilo Mendes revive intensamente, em seus poemas, sua experiência essencial. Ocorre lembrar Dilthey, quando escreveu, em sua *Poética*, que a criação poética deve basear-se na força das vivências. Não por acaso as gerações seguintes à de Dilthey utilizaram largamente a idéia da vida, e com ela a da vivência, ou seja, a experiência entendida em sua profundidade pessoal.

As imagens, na poesia de Murilo Mendes, apresentam uma variedade que pode parecer caótica, mas que em realidade se conduz como uma consciente diversificação de elementos: dos mais banais, tirados do cotidiano, aos místicos e transcendentais. Alusões a Deus e à noite, bem como à guerra, a esqueletos de atrizes, aos jornalheiros. Tudo isto traça um mundo, ou seja, retraça o mundo nos termos do poeta, sempre impressionado com notícias de bombardeios, com a eternidade e com os anjos. O mundo reescrito, a poesia como um relatório, e ao mesmo tempo como uma reinvenção. Diria mesmo, como um palimpsesto, sempre recoberto, sempre mudado pela superposição das palavras, que é a superposição das vivências.

Volto, para concluir, ao “Poema barroco”. Ele constitui a meu ver o ponto mais alto de *Mundo enigma*. Nele se encontram de modo exemplar as características da poesia do autor. A mim me parece ver e ouvir a passagem dos “cavalos da aurora”, violando a noite (a noite que tanto aparece em Murilo), violando as portas, que são limites; e com a chegada da aurora aparecem as carrocinhas dos leiteiros. Tudo são inquietações que o poeta flagra, inclusive dentro de si mesmo. E afinal, a imagem de Nossa Senhora das Vitórias, diante da qual o poeta se havia curvado, apresenta sua outra face, a das Derrotas, que “também pede auxílio”.

O barroco da profusão de imagens, colocadas durante o poema como acúmulo de inquietações, converge para um ponto inesperado: a própria santidade, a própria divindade posta em crise e entregue à contingência.